

Divulgar e organizar: a dupla função da edição entre os anarquistas de Buenos Aires (1890-1905)

Eduardo Augusto Souza Cunha*

Resumo: O presente trabalho pretende abordar como os anarquistas de Buenos Aires, entre 1890 e 1905, utilizaram a edição tanto como um meio de difundir ideias como um instrumento organizativo. Abordaremos, inicialmente, a relação entre o universo de impressos publicados por esses militantes com a ascensão da sua corrente como a força hegemônica do movimento operário do período. Em seguida, trataremos da constituição do jornal *La Protesta Humana*, que se tornou o principal meio de comunicação do anarquismo argentino. Como veremos, o jornal foi mais do que isso: através da mobilização de diversos grupos, o *La Protesta Humana* conseguiu aglutinar e reunir os militantes em torno de si.

Palavras-chave: anarquismo; Argentina; história do livro

Abstract: The present work intends to analyze how the anarchists of Buenos Aires, between 1890 and 1905, used the edition both as a means of spreading ideas and as an organizational tool. We will initially address the relationship between the universe of printed matter published by these militants with the rise of their current as the hegemonic force of the workers' movement of the period. Next, we will deal with the constitution of the newspaper *La Protesta Humana*, which became the main means of communication of Argentinean anarchism. As we will see, the newspaper went further: by mobilizing various groups around its project, *La Protesta Humana* can bring together and bring the militants together in a common task.

Keywords: anarchism; Argentina; Book history

Introdução

Vladimir Lenin, em sua clássica obra *O que fazer?*, discutiu questões teóricas e práticas surgidas no debate interno do Partido Operário Social Democrata Russo, em

* Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo. **Contato:** eduardoascunha@gmail.com

1902. Entre suas propostas, o socialista russo preconizou a criação de um jornal para todo o país, cumprindo tanto um papel de agitação como também de organização. Lenin, fazendo referência a um artigo publicado no *Iskra*, afirmou que uma publicação com esse alcance “debe ser el hilo fundamental, asiéndonos al cual podamos invariablemente desarrollar, profundizar y extender esta organización (es decir, la organización revolucionaria, siempre dispuesta a apoyar toda protesta y toda explosión)”¹.

Ao estudarmos as tradições socialistas no século XIX, percebemos que a recomendação de Lenin não era original, mas sim se baseava em seu conhecimento de um recurso utilizado por outros agentes em diversos momentos. Alguns desses agentes tiveram relevância no processo de autoformação da classe operária em diversos países mas que, infelizmente, caíram no esquecimento. Como exemplos, podemos citar a importância que Flaesch, um dos fundadores da seção francesa da Internacional em Buenos Aires, dava à fundação de um jornal quando informou para o Conselho Geral em 1872 os primeiros passos da organização: “Nuestro primer objetivo será, cuando tengamos el número deseado para esto, fundar un diario socialista, y esperamos llegar a ese objetivo dentro de poco”². Ou então Malatesta, quando iniciou sua atividade política na Argentina por meio da fundação de um círculo de estudos e da edição de *La Question Sociale*³.

No presente trabalho apresentaremos os anarquistas de Buenos Aires tinham em mente o duplo papel da edição. Para eles, a publicação de livros, folhetos, jornais e revistas não era apenas uma forma de divulgar suas ideias, mas também de aglutinar e mobilizar militantes.

Divulgar: Os impressos anarquistas de Buenos Aires (1890-1905)

¹ LENIN, Vladimir. *¿Que hacer?* Buenos Aires: Editorial Anteo, 1972, p. 252.

² FLAESCH, Émile, Carta ao Conselho Geral da AIT de 14 de abril de 1872. In.: TARCUS, Horacio, op. cit., p. 499. Para uma análise das correspondências enviadas por Flaesch ao Conselho Geral, ver Ibidem, p. 74-79.

³ Gonzalo Zaragoza indicou a hipótese dessa tática ser parte de uma estratégia intencional e bem definida por Malatesta (ZARAGOZA, op. cit., p. 89). É válido ressaltar que não foram apenas os jornais editados por Malatesta em Florença e Buenos Aires que foram batizados com esse título. Na década de 1880, houve outro jornal em Milão. Na década seguinte, Fortunato Serantoni editou uma revista homônima na capital argentina no mesmo período em que era publicado um jornal com essa alcunha em Patterson (Nova Jérsei), nos EUA. Com isso, levanta-se a hipótese de, ao menos, os títulos dados aos jornais significarem um alinhamento à corrente anarquista pró-organização.

Entre 1890 e 1905, o anarquismo em Buenos Aires se enraizou no movimento operário e se tornou sua força hegemônica. Com o predomínio dos grupos “organizadores” frente aos “antiorganizadores”⁴, os militantes ácratas fundaram ao lado dos socialistas a primeira grande federação operária da Argentina, a FOA (Federación Obrera Argentina), em 1901. Após discordâncias internas, os socialistas deixam a organização que passa a ser dominada pelos anarquistas. A partir de então, sua influência é notória nos anos seguintes. Em 1902, ocorre a primeira greve geral do país, parando o porto de Buenos Aires por quase um mês. Dois anos depois, em 1904, a FOA é rebatizada e passa a ser chamada de FORA (Federación Obrera Regional Argentina). Aqui, o acréscimo do “Regional” não é algo banal, mas sim mostra a presença do internacionalismo operário defendido pelos anarquistas. Por fim, no ano seguinte, a FORA declara em seu Congresso “que aprueba y recomienda a todos sus adherentes la propaganda e ilustración más amplia, en el sentido de inculcar en los obreros los principios económicos y filosóficos del comunismo anárquico”⁵. Portanto, em seu próprio regimento, a federação operária declara abertamente seu vínculo com o anarquismo. Proposta polêmica que causou críticas não só dos socialistas, mas também entre os próprios ácratas de outros países. Contudo, esse episódio mostra o alcance da disseminação do anarquismo entre os trabalhadores.

Para chegar a tal ponto, a propaganda realizada por esses militantes das suas ideias foi essencial. As práticas culturais anarquistas foram amplas e abarcaram a realização de peças teatrais, concursos literários, jornadas de debates, fundação de ateneus, bibliotecas e escolas e, principalmente, a publicação de impressos⁶. Nesse período, os anarquistas de Buenos Aires realizaram um trabalho excepcional de edição de jornais, revistas, livros e folhetos. Tal trabalho deve ser entendido no contexto de ascensão do anarquismo, que abordamos logo acima. Para elucidar o mundo de impressos anarquistas, abordaremos três suportes: revistas, livros e folhetos e, por fim, jornais, publicados na virada do século XIX para o século XX.

⁴ Sobre a querela entre “organizadores” e “antiorganizadores”, ver OVED, Iacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Cidade do México: Siglo XIX Editores.

⁵ SANTILLÁN, Diego Abad de. *La FORA: ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005, p. 127.

⁶ Ver SURIANO, Juan. *Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890 - 1910*. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.

Na década de 1890, Buenos Aires conheceu suas duas primeiras revistas teóricas de esquerda: *La Questione Sociale* e *Ciencia Social*. Ambas foram publicadas por um mesmo militante: Fortunato Serantoni, anarquista florentino que, antes de chegar na Argentina em 1892, já tinha uma longa experiência militante e, sobretudo, com a edição de impressos⁷. Chegando na cidade portenha, Serantoni rapidamente se envolveu com a publicação de jornais, participando brevemente do círculo editor do *El Perseguido* e, em seguida, entrou para a redação do *La Riscossa*.

Todavia, a partir de 1894 Serantoni deu início aos seus projetos editoriais mais inovadores para o anarquismo argentino até então, ao iniciar a edição da revista “*La Questione Sociale – rivista mensile di studi sociali e dei movimento operaio Internazionale*”, editada entre os anos de 1894 e 1896. Com seu fim, iniciou a impressão de *Ciencia Social*, que saiu de 1897 a 1900, revista com linha editorial semelhante a anterior: publicação periódica de caráter teórico, trazendo textos dos principais autores ácratas, além de notícias de diversas partes do mundo. Elas representam as únicas revistas com esse corte temático editadas na Argentina no período. Nas palavras do historiador Diego Abad de Santillán, a *Ciencia Social* foi a “*primera revista anarquista seria, recopilación excelente de material de lectura selecta, en la que predominaban, ciertamente, las traducciones.*”⁸

O militante florentino também foi o responsável pelo maior número de edição de livros e folhetos, totalizando 27 títulos publicados entre 1895 e 1902. Em um primeiro momento, seus folhetos foram publicados com o título de “*Biblioteca de la Questione Sociale*”. Teve como primeira coleção a “*Propaganda anarquista entre las mujeres*”, no qual foram publicados folhetos sobre o tema da emancipação feminina. Os títulos publicados foram os seguintes: *A las hijas del pueblo* e *A las muchachas que estudian*, de Anna Maria Mozzoni, ambos publicados em 1895, *A las proletarias*, de Soledad Gustavo, e *Un episodio de amor en la Colonia Socialista Cecilia*, de Giovanni Rossi, ambos

⁷ Ver mais em CUNHA, Eduardo Augusto Souza. Edição e anarquismo: a trajetória transnacional de Fortunato Serantoni (1856-1908). In: I Congreso de Investigadorxs sobre anarquismo, 2016, Buenos Aires. *Actas del I Congreso de Investigadorxs sobre anarquismo*. Buenos Aires: CeDInCI/IDAES/UNSAM, 2016. p. 702-723.

⁸ SANTILLÁN, Diego Abad de. *El movimiento anarquista en la Argentina: Desde sus comienzos hasta el año 1910*, Buenos Aires, Argonauta, 1930, p. 73.

publicados em 1896⁹. Em sua primeira edição, no folheto *A las hijas del pueblo*, há uma nota da redação do *La Questione Sociale* que identifica o programa da coleção:

Con el objetivo de propagar las ideas emancipadoras entre nuestras compañeras de trabajo y de miseria, la Redacción de LA QUESTIONE SOCIALE (sic) se propone publicar una serie de folletos especiales para la propaganda entre las mujeres, en los que se tratarán todas aquellas cuestiones que tienen relación directa con la emancipación económica, política y religiosa de la mujer.¹⁰

Cabe ressaltar a escolha da autora para inaugurar a coleção: Ana Maria Mozzoni (1837-1920), personagem de destaque do socialismo italiano¹¹. Apesar da maioria dos livros e folhetos publicados por Serantoni terem sido do campo anarquista, houve casos, como esse, de publicações de autores e autoras de outras vertentes políticas, mas com temáticas convergentes àquelas abordadas pelos anarquistas. Segundo Laura Fernández Cordero, essa coleção marcou o pensamento anarquista sobre a questão da emancipação feminina ao estabelecer “las autoras de referencia y los lineamientos básicos para convocar a las mujeres con una evidente continuidad, ya que fueron reeditados por la editorial La Protesta como folleto único en 1920”¹².

Concomitante à coleção “Propaganda anarquista entre las mujeres”, também foram publicados folhetos sobre outros temas, como *La Religión y la cuestión social*, de Juan Montseny e *Perché siamo anarchici?*, de Saverio Merlino. Entre 1898 e 1901, Serantoni publicou diversas obras, já como Biblioteca Sociológica. Editou importantes nomes do cânone libertário, como Pietro Gori, Jean Grave, Carlo Cafiero, Sébastien Faure, Liev Tolstói, Charles Albert, além de autores locais. As tiragens eram geralmente de 2.000 a 3.000 exemplares, chegando em alguns casos a 4.000 exemplares, como na

⁹ Listamos aqui os títulos e suas informações correspondentes a partir das fontes consultadas. Encontramos também o anúncio de futura publicação do folheto *Conversaciones anárquicas, sobre la familia y el amor libre*, porém, não encontramos referências se a sua publicação se efetivou.

¹⁰ MOZZONI, Anna Maria. *A las hijas del pueblo*. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895, p.2.

¹¹ GIANNI, Emilio (Org.). MOZZONI Marianna (Anna Maria). In: GIANNI, Emilio (Org.). *Archivo Biografico dei Movimento Operaio*. Genova: Archivo Biografico Dei Movimento Operaio, 2013. Disponível em: <<http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/it/component/k2/item/26200-mozzoni-marianna-anna-maria>>. Acesso em: 11 fev. 2018.

¹² CORDERO, Laura Fernández. Queremos emanciparos: anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del XIX. *Revista Izquierdas*, ano III, nº 6, Santiago (Chile), 2010, p. 5.

edição conjunta do texto *Io accuso*, de Sébastien Faure com o texto *Che cosa è l'anarchia*, de Domenico Zavattero.

Além de Serantoni, outros grupos ácratas se dedicaram à edição de livros e folhetos. Ao todo, identificamos a publicação de 96 títulos editados por anarquistas entre 1890 e 1905. Esses títulos ocuparam um importante lugar no campo de leitura argentino, sobretudo ao compararmos as tiragens das edições anarquistas com outras do circuito comercial de Buenos Aires, sobretudo com os folhetos da literatura criollista, que eram os folhetos mais vendidos da Argentina na época. Adolfo Prieto apresenta que títulos criollistas como “El moderno payador Candelario” e “Los apuros de un vigilante”, ambos de 1897, tiveram uma impressão de 20.000 cópias¹³. As maiores tiragens de publicações ácratas foram alcançadas por “De la patria”, de Augustin Hamon, publicado em 1898 pelo grupo Los Ácratas, e “Verité”, uma compilação de textos de Élisée Reclus, Carlo Pisacane e Octave Mirabeau, editado em 1902 pelo Defensores de Nuevas Ideas. Ambos tiveram 10.000 exemplares. Isto posto, nota-se uma inferioridade quantitativa, mas que não deixa de representar números importantes para o período. Basta comparar com os números obtidos por edições de autores considerados da elite letrada. Em 1905, em contraste, Leopoldo Lugones imprimiu 2.000 cópias de seu “La guerra gaucha”. Essa cifra foi a quantidade mínima das publicações ácratas¹⁴.

No caso dos jornais anarquistas, um deles teve uma trajetória excepcional. Fundado em 1897, *La Protesta Humana* se tornou um dos principais jornais anarquistas no âmbito internacional. Em 1904, a redação adquiriu sua própria oficina gráfica e passou de semanário para diário. Sua história mostra que a edição para os anarquistas não apenas teve apenas o importante papel de difusora de ideias, mas também de instrumento organizativo.

Organizar: a fundação de *La Protesta Humana* e a ascensão dos organizadores

Tanto a ascensão dos “organizadores” como a estabilização das publicações periódicas ácratas em Buenos Aires ocorreram por volta do mesmo período, isto é, entre

¹³ PRIETO, Adolfo. *El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988, p. 67-68.

¹⁴ Ver mais em CUNHA, Eduardo Augusto Souza. *Editar a revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905)*. 315 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-06122018-131711/es.php>.

os anos de 1894 e 1897. Longe de ser mera coincidência, os anarquistas organizadores utilizaram o jornal não apenas como meio de propaganda, mas também como um instrumento de organização política. Sua função era reunir os militantes e diversos grupos em uma orientação comum e atrair simpatizantes, possibilitando que eles se aproximassem e formassem novos grupos. Em seu papel propagandístico, os núcleos redatores responsáveis pela edição dos jornais também publicavam livros e folhetos.

Nesse contexto, ressaltamos a formação do jornal *La Protesta Humana*. O jornal foi fundado em 1897 em uma somatória de esforços de diferentes grupos para a criação de um jornal anarquista forte, isto é, que tivesse uma periodicidade regular, saindo com a maior frequência possível, e que pudesse alcançar grandes tiragens. Logo tornou-se referência para o movimento anarquista no âmbito internacional, mas demorou algum tempo até conseguir uma boa periodicidade e altas tiragens: transformou-se em um jornal semanário em 1900 e diário em 1904, já com o novo nome de *La Protesta*, quando adquiriu sua própria gráfica.

A ideia de ter um jornal anarquista consolidado em Buenos Aires se iniciou em 1895. Há um ano já era editada a revista *La Questione Sociale*, que tinha como principal membro em sua redação o militante florentino Fortunato Serantoni. Também em 1894 foi fundado o jornal *L'Avvenire*. As duas publicações tinham proposta semelhante: defendiam a linha organizadora e eram redigidas na língua italiana, pois eram voltadas aos imigrantes desse país. Dada as suas semelhanças, esses projetos editoriais se apoiaram mutuamente e foram próximos, chegando ao ponto de Fortunato Serantoni, diretor do *La Questione Sociale*, tornar-se administrador do *L'Avvenire* em alguns momentos¹⁵. Todavia, aproximação maior houve entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido*, jornal dirigido por John Creaghe. A relação entre Creaghe e Serantoni foi tão estreita que eles decidiram fundir seus projetos editoriais: a partir de 1896, *La Questione Sociale* tornou-se suplemento literário do jornal *El Oprimido*. As motivações para essa associação foram, segundo Serantoni em *La Questione Sociale*, “per ragioni di economia e per dare maggiore impulso alla propaganda”¹⁶. Dessa forma, a união entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido* foi o primeiro passo para a realização do projeto editorial de criar um jornal

¹⁵ GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). *Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento*. Pisa: Bfs Edizioni, 2007, p. 109.

¹⁶ “Por razões de economia e para dar maior impulso à propaganda.” GIORDANO, Adriano Paolo, op. cit., p. 109.

que reunisse esforços de vários militantes. Isto é, ao invés de cada grupo ter seu próprio jornal, assim dispersando os recursos e os esforços em uma plêiade de projetos, há a ideia de se fundar apenas um jornal apoiado por diversos grupos, conseguindo uma melhor condição financeira, e por consequência, possibilitando maior periodicidade, permanência ao longo do tempo e aumentando as tiragens.

Esse projeto se tornou mais palpável no ano seguinte, quando a associação entre *La Questione Sociale* e *El Oprimido* terminou, encerrando suas publicações para apoiar o surgimento de um novo jornal: *La Protesta Humana*, dirigido por Gregorio Inglan Lafargua. O dinheiro que John Creaghe tinha em mãos, oriundo das campanhas de subscrição em favor do *El Oprimido*, foi destinado para iniciar a publicação de *La Protesta Humana*¹⁷. Fortunato Serantoni foi um dos principais organizadores de campanhas para a arrecadação de recursos financeiros e assinaturas para o novo jornal. Desse modo, o projeto editorial que deu à luz o *La Protesta Humana* serviu como instrumento de organização encontrado pelos anarquistas “organizadores” para se sobrepor aos “antiorganizadores”.

Percebendo que o *La Protesta Humana* se tornou um jornal de muita notoriedade, o seu grupo editor enxergou seu potencial de crescimento e procurou concretizá-lo. Apesar da vontade inicial de criar um jornal que saísse semanalmente, *La Protesta Humana* permaneceu com periodicidade irregular, mas em geral saiu a cada quinze dias nos seus três primeiros anos. A partir de dezembro de 1899, o grupo editor retomou a ideia do hebdomadário, afirmando que não insistiria no projeto se não notasse “que en Sud América los anarquistas disponen de vitalidades suficientes para ello y para mucho más con solo ponerlas en acción con decisión y firme voluntad, como cuando queremos sabemos hacerlo”¹⁸.

O grupo editor clamou pelo apoio dos amigos que ajudavam o jornal, incluindo os do exterior, e recomendou algumas ações que poderiam contribuir com sua transformação em semanário: “abriendo subscripciones voluntarias, facilitándonos nuevos suscriptores, tomándose el encargo de repartir paquetes en los talleres y fábricas, recolectando en las reuniones obreras, mandándonos su óbolo particular o bien secundando nuestros

¹⁷ OVIED, Iacov. *El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 1978, p. 70.

¹⁸ *La Protesta Humana*, ano III, nº 73, 10/12/1899, p. 1.

esfuerzos.”¹⁹ Porém, no mês seguinte, informou-se a desistência temporária do projeto, devido aos problemas encontrados pela manutenção da Casa del Pueblo. O grupo afirmou que retomaria a ideia de tornar o jornal semanal em breve e, para isso, já estava organizando uma tómbola popular, no qual os participantes pagariam a entrada, cujo valor total seria revertido para o jornal. Em contrapartida, haveria uma série de prêmios para os vencedores da tómbola. Os itens que serviriam de prêmios eram recebidos de doações e, portanto, variados: “Los amigos que han ofrecido donar objetos para la tómbola y los que a ella quieran contribuir con especialidades de su fabricación, arte o industria, libros, miniaturas, pinturas, objetos de mesa, de escritorio, de pared, de bolsillo, etc.”²⁰. Mas, apesar dos esforços, o *La Protesta Humana* demorou mais um ano para se transformar em um jornal semanário, conseguindo atingir seu objetivo a partir da sua edição 97, em novembro de 1900.

Todavía, quando foi retomada a proposta de torná-lo semanário, na passagem de 1899 para 1900, já havia a clara intenção de ir além e fazer do *La Protesta Humana* um jornal diário. Nesse sentido, Antonio Pellicer Paraire, nessa época próximo do grupo editor do *La Protesta Humana*, escreveu dois artigos em janeiro de 1900 no qual deixou claro o projeto de se criar um diário anarquista, bem como sua importância enquanto instrumento de organização. Para Paraire, os anarquistas em Buenos Aires estavam na direção certa ao reunir seus esforços em projetos como os círculos de estudos sociais e as escolas libertárias. Tais iniciativas cumpriam um importante papel de propaganda, ao difundirem as ideias anarquistas, porém também desempenhavam outra função não menos importante: aglutinar os militantes, contribuindo para a organização de novos grupos e núcleos e, assim, possibilitando outras iniciativas. Segundo Paraire:

Hemos entrado ya por el buen camino, y la formación de círculos de estudios sociales y el establecimiento de escuelas libertarias, son en nuestro concepto, sólidos baluartes protectores de los avances de nuestras fuerzas en nuestra carrera hacia la emancipación; son *intereses creados* (sic) para la gran revolución.

[...] Consecuencia natural de este agrupamiento y de tan activo y acorde trabajo, será una mayor facilidad para la constante obra de propaganda, siempre necesaria formando grandes núcleos que podrán ser base firme para plantear

¹⁹ Ibidem.

²⁰ *La Protesta Humana*, ano III, nº 75, 07/01/1900, p. 3.

otra aspiración no menos sentida y transcendental de todos puntos de vista: la fundación de un diario libertario (sic)²¹.

No artigo seguinte, prosseguindo com a discussão, Antonio Pellicer Paraire explicitou a função de cada projeto: os círculos de estudos sociais “reúne los elementos, los educa, armoniza y crea la primera fuerza revolucionaria”; a escola libertaria “forma las nuevas huestes continuadoras de la obra emancipadora hasta su triunfo”; e, por fim, “el folleto, el libro, la hoja, el semanario, instruyen al pueblo y le familiarizan con los nuevos ideales y con la necesidad de su realización”²². Contudo, Paraire destacou a centralidade que um jornal diário exerce sobre todos esses projetos:

el diario libertario reúne todas las bellas cualidades de cada una de las precipitadas instituciones revolucionarias y las supera a todas juntas: como la escuela y el círculo y el folleto y el periódico, instruye y educa y armoniza elementos, pero con más eficacia, porque es la obra constante y diaria, sin intercalaciones de suspensión que facilitan el olvido y debilitan el entusiasmo; el diario es la insistente gota de agua que perfora la roca²³.

Após dez meses da publicação dos artigos de Paraire, o *La Protesta Humana* conseguiu se manter como semanário. O projeto de tornar-se diário teve que esperar mais tempo. Além da manutenção do jornal como semanário, as forças dos organizadores também estiveram focadas na construção das organizações operárias, sobretudo da FOA. No ano seguinte, com a repressão à greve geral que eclodiu no mês de novembro, o jornal foi obrigado a parar suas atividades por três meses, retornando somente em fevereiro de 1903. Seu editor desde a fundação, Gregorio Inglan Lafargua, deixou as fileiras do anarquismo após a repressão da greve geral de 1902. Em seu lugar, entrou A. Valenzuela, um militante argentino, que por esse motivo não corria o risco de ser deportado.

No final do ano, retomaram-se os planos para a publicação diária de *La Protesta Humana*. Essa guinada foi encabeçada por John Creaghe, antigo incentivador do jornal que já havia assumido a administração do jornal em fevereiro. Em setembro, ele também

²¹ *La Protesta Humana*, ano III, nº 75, 07/01/1900, p. 1.

²² *La Protesta Humana*, ano III, nº 76, 21/01/1900, p. 1.

²³ *Ibidem*.

se tornou redator do jornal e anunciou: “después del presente número La Protesta Humana va a entrar en una nueva fase de impulsión y progreso”²⁴.

O primeiro passo para a concretização do almejado projeto foi diminuir seu preço de venda e aumentar a tiragem. A aposta de Creaghe foi conseguir mais leitores com a queda do preço de 5 para 2 centavos e, assim, vender mais exemplares para compensar a perda financeira. Dessa forma, o barateamento do custo expandiria seu público leitor. A motivação para esta ação foi a falta de outras publicações de cunho revolucionário²⁵. Sua ideia para o futuro do jornal refletia as intenções expostas anteriormente por Paraire:

pronto veremos nuestro periódico en una condición próspera e *independiente*, y de ello resultará que podremos, con la ganancia de diez, quince o veinte mil ejemplares a dos centavos, establecer nuestra Imprenta, nuestra Biblioteca, hacer nuestra Librería una casa editorial activa y al fin llegar a establecer aquella Escuela Integral que ha sido mi aspiración - pero que ahora veo que haremos mejor en postergar como secundaria en importancia a la empresa que tenemos entre manos²⁶.

Em suma, percebe-se a estratégia de criar um jornal diário e, a partir dos recursos obtidos com sua venda e do seu alcance, conseguir fomentar outras iniciativas, como editoras, livrarias, bibliotecas e escolas, para impulsionar seus ideais. Trata-se, portanto, do vínculo estreito entre iniciativas culturais, estratégias econômicas e fins políticos. Na busca de apoio para seus planos, John Creaghe foi o primeiro a contribuir com uma cifra significativa. Ele apoiou, com a quantia de quinze mil pesos, a compra de um terreno no qual poderiam ser construídas todas as iniciativas propostas²⁷. Sua estratégia de barateamento do jornal funcionou e as tiragens saltam de 3.400 em novembro de 1902²⁸ para 8.000 em novembro de 1903²⁹.

Ao lado das estratégias econômicas, o projeto para a transformação do *La Protesta Humana* em diário também lançou mão de instrumentos simbólicos. Para conseguir novos

²⁴ *La Protesta Humana*, ano VII, nº 231, 26/09/1903, p. 1.

²⁵ *La Protesta Humana*, ano VII, nº 230, 20/09/1903, p. 1.

²⁶ *La Protesta Humana*, ano VII, nº 231, 26/09/1903, p. 1, grifos do autor.

²⁷ *Ibidem*.

²⁸ *La Protesta Humana*, ano VI, nº 198, 01/11/1902, p.4

²⁹ *La Protesta*, ano VII, nº 238, 14/11/1903, p.4

leitores, foi alterado o título do jornal. Segundo a redação, *La Protesta Humana* soava redundante e pueril, além de ser muito comprido. Então, foi proposto um título mais direto: “LA PROTESTA (sic). Es más sencillo y encierra en si todo lo que quiere significarse con el actual”³⁰. A partir de novembro de 1903, o semanário saiu com seu novo título: *La Protesta*.

No início de 1904, discutiu-se a ideia de o jornal adquirir oficina gráfica própria. Diante de tal custo, o grupo editor percebeu que ter sua única fonte de renda na venda do jornal seria insuficiente. A responsabilidade “de tal iniciativa no puede ocultarse a ninguno de los muchos y buenos compañeros que nos leen”, segundo o jornal. Nesse sentido, para o *La Protesta* se tornar um diário, “necesitamos 2500 suscriptores, es decir, 2500 pesos mensuales”. Contudo, prevendo a dificuldade de obter esse número de assinantes, John Creaghe abriu uma saída temporária: “para ayudar a sostener el diario aceptaremos ciertos avisos para la mitad de la 4ª página, pero así que tengamos 2500 suscriptores necesarios prescindiremos por completo de ellos.”³¹

Em meados de fevereiro, quando o *La Protesta* adquiriu sua gráfica, a administração voltou a declarar a importância do projeto em seu editorial. Em primeiro lugar, confirmou a necessidade de se mudar para outro lugar, para comportar um novo maquinário³². Em seguida, afirmou que o número de subscritores ainda era reduzido. E voltou a asseverar algo que Paraire já tinha exposto: “Ni el Centro, ni el folleto, ni el libro, ni el manifiesto, ni la conferencia, tienen la importancia que tiene el diario. [...] Nada tan eficaz, nada caracteriza tanto una aspiración social, política, religiosa o científica como sus órganos de publicidad.”³³

Menos de um mês depois, o jornal anunciou a data de início da publicação diária: 1º de abril³⁴. A viabilização do projeto reformulou o grupo editorial. Para atender as demandas de um diário e dos serviços gráficos, o *La Protesta* passou por uma profissionalização:

³⁰ *La Protesta Humana*, ano VII, nº 233, 10/10/1903, p. 1.

³¹ *La Protesta*, ano VIII, nº 248, 23/01/1904, p.1

³² Até o momento, o endereço de *La Protesta* era a calle Méjico 1902; a partir de então, muda-se para calle Córdoba 359. *La Protesta*, ano VIII, nº 252, 20/02/1904, p.1

³³ *Ibidem*.

³⁴ O anúncio é publicado em *La Protesta*, ano VIII, nº 254, 12/03/1904, p.1. Ele se concretiza e a primeira edição com periodicidade diária é *La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904.

La organización que hemos dado a La Protesta es la siguiente: dos directores, A. Ghiraldo y R. Elam Ravel; dos redactores y un noticiero; un gerente administrativo general; un cajero, el compañero J. Creaghe; un maquinista tipógrafo, 8 tipógrafos, cuatro dobladores y un mandadero.³⁵

Com o fim do semanário e o início do diário, o jornal avisou para seus leitores que enviassem correspondências separadas para a administração e para a redação. Já na nova fase, *La Protesta* publicou dois avisos, um de cada seção. O primeiro foi da redação: “Aviso de Redacción: Rogamos a todos los que nos envíen artículos, tengan presentes nuestras recomendaciones: ser breves. Tenemos increíble cantidad de artículos todos muy extensos lo que nos impide publicarlos.” A nota da administração foi a seguinte: “Aviso de Administración: Los compañeros que quieran y puedan remitirnos el importe de la suscripción del mes de Mayo sin esperar al cobrador nos harían un verdadero servicio y un gran bien a La Protesta.”³⁶ Nota-se, portanto, a divisão do trabalho dentro do jornal.

Pouco antes de transformar-se em diário, o *La Protesta* informava que o número de subscritores era pouco maior de mil, quantidade bem inferior àquela prevista inicialmente³⁷. Com isso, os anúncios representaram um importante aporte para a iniciativa. Eles começaram a ser veiculados com o advento do diário, com o acréscimo da seguinte nota: “recomendamos a los compañeros y lectores, las casas y productos que se anuncian en La Protesta: ayudemos a quien nos ayuda.”³⁸

Na sua primeira edição diária, o editorial do jornal afirmava: “la aparición de este diário tiene para el mundo obrero una significación cuyos alcances son difíciles de medir.”³⁹ O desenrolar dos eventos nas décadas seguintes mostrou que a citação estava correta. Se o *La Protesta* tornou-se um dos jornais operários de maior difusão na Argentina, em grande parte foi devido às mudanças ocorridas em 1904, que o projetaram definitivamente como o principal órgão anarquista. No entanto, na sua fase anterior,

³⁵ *La Protesta*, ano VIII, nº 254, 12/03/1904, p.1. No entanto, Alberto Ghiraldo teve de desistir de assumir seu posto na última hora (*La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904, p.1), mas exerceu a redação em agosto do mesmo ano.

³⁶ *La Protesta*, ano VIII, nº 279, 27/04/1904, p.3

³⁷ *La Protesta*, ano VIII, nº 255, 19/03/1904, p.1

³⁸ *La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904, p.4. Sobre os anúncios e o uso da publicidade no *La Protesta*, ver CIVES, Diego G. “Ayudemos a quien nos ayuda”: la publicidad en La Protesta (1904-1910). In: *Actas de las XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia*. Mar del Plata: UNMDP, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <<https://interescuelasmarplataplata.files.wordpress.com/2017/09/96-cives.pdf>>.

³⁹ *La Protesta*, ano VIII, nº 257, 01/04/1904, p.1.

quando se chamava *La Protesta Humana*, o jornal não teve apenas uma função importante como difusor de ideias e agitador político, mas também foi essencial para organizar os anarquistas adeptos da atuação sindical. Como vimos, diversos grupos se aglutinaram em sua órbita, tornando o *La Protesta Humana* uma ferramenta para alcançar a hegemonia dentro do movimento operário argentino.

Considerações finais

A partir do presente trabalho, podemos tecer duas importantes considerações sobre o campo de pesquisa que se debruça sobre a história dos impressos de esquerda. A primeira é a presença generalizada em quase todos os campos de esquerda da ideia do duplo papel da edição. Isto é, nota-se que não importa qual a tradição que os grupos organizados estão vinculados, percebe-se o uso da edição de jornais, revistas, livros e folhetos tanto como uma forma de difusão de ideias como também um instrumento organizativo. Apesar da formulação dessa ideia ser mais conhecida a partir de “O que fazer?” de Lenin, é um erro pensar que tal estratégia está restrita aos grupos que se vinculam à sua herança política.

A segunda consideração é um corolário da primeira. Se a presença do duplo papel da edição é comum a quase todo o campo das esquerdas, as investigações devem se atentar a tal questão. Em geral, nos trabalhos que abordam os impressos produzidos por grupos de esquerda, há uma desproporção entre a análise das ideias e dos debates veiculados e a organização editorial que deu vida a tais impressos. Enquanto esse último elemento permanecer no lado escuro da interpretação histórica, perde-se uma considerável parte do conhecimento sobre a história da edição de esquerda.

Bibliografia

- CIVES, Diego G. “Ayudemos a quien nos ayuda”: la publicidad en La Protesta (1904-1910). In: Actas de las XVI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Mar del Plata: UNMdP, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <<https://interescuelasmardelplata.files.wordpress.com/2017/09/96-cives.pdf>>.
- CORDERO, Laura Fernández. Queremos emanciparos: anarquismo y mujer en Buenos Aires de fines del XIX. Revista Izquierdas, ano III, nº 6, Santiago (Chile), 2010

- CUNHA, Eduardo Augusto Souza. Edição e anarquismo: a trajetória transnacional de Fortunato Serantoni (1856-1908). In: I Congreso de Investigadorxs sobre anarquismo, 2016, Buenos Aires. Actas del I Congreso de Investigadorxs sobre anarquismo. Buenos Aires: CeDInCI/IDAES/UNSAM, 2016. p. 702-723.
- CUNHA, Eduardo Augusto Souza. Editar a revolta: edição e circulação de impressos anarquistas em Buenos Aires (1890-1905). 315 f. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-06122018-131711/es.php>.
- GIANNI, Emilio (Org.). MOZZONI Marianna (Anna Maria). In: GIANNI, Emilio (Org.). Archivo Biografico dei Movimento Operaio. Genova: Archivo Biografico Dei Movimento Operaio, 2013. Disponível em: <http://www.archiviobiograficomovimentooperaio.org/it/component/k2/item/26200-mozzoni-marianna-anna-maria>.
- GIORDANO, Adriano Paolo. Fortunato Serantoni: l'editore errante dell'anarchia. In: ANTONIOLI, Maurizio (Org.). Editori e tipografi anarchici di lingua italiana tra Otto e Novecento. Pisa: Bfs Edizioni, 2007
- La Protesta, Buenos Aires - Argentina (1903-1905).
- La Protesta Humana, Buenos Aires - Argentina (1897-1903).
- LENIN, Vladimir. ¿Que hacer? Buenos Aires: Editorial Anteo, 1972, p. 252.
- MOZZONI, Anna Maria. A las hijas del pueblo. Buenos Aires: Biblioteca de La Questione Sociale, 1895
- OVED, Iacov. El anarquismo y el movimiento obrero en Argentina. Cidade do México: Siglo XIX Editores.
- PRIETO, Adolfo. El discurso criollista en la formación de la Argentina moderna. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.
- SANTILLÁN, Diego Abad de. El movimiento anarquista en la Argentina: Desde sus comienzos hasta el año 1910, Buenos Aires, Argonauta, 1930
- SANTILLÁN, Diego Abad de. La FORA: ideología y trayectoria del movimiento obrero revolucionario en la Argentina. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2005
- SURIANO, Juan. Anarquistas: Cultura y política libertaria en Buenos Aires 1890 - 1910. Buenos Aires: Ediciones Manantial, 2001.
- TARCUS, Horacio, *Marx en Argentina*: sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires: Siglo XIX, 2007